

HISTÓRIAS DE UM BAIRRO: (RE)VISITANDO MEMÓRIAS E CONFLITOS¹

Silvia Tavares da Silva²

O bairro José Pinheiro é citado em várias músicas de compositores locais e aparece sempre, nessas composições como um bairro de grande tradição festiva. Essa mesma tradição é lembrada por seus moradores, que ao falar das suas vivências no bairro fazem sempre referências aos símbolos de diversão que proporcionavam uma maior interação entre os próprios moradores do bairro, como também, de outros locais da cidade que se deslocavam dos seus bairros para participar dos entretenimentos que aconteciam no bairro José Pinheiro. Segundo seu Agripino³, morador do bairro desde 1957, o José Pinheiro “durante toda a vida foi um bairro de movimento, tinha pastoril, tinha festa de rua, tinha escola de samba...” são algumas dessas representações, que contribuem para a formação de um sentimento de pertencimento que voltaremos nossos olhares nesse texto, tentando perceber como os moradores através das festividades reinventam lugares e práticas que passaram a fazer parte do seu cotidiano. Nessa perspectiva, Michel de Certeau nos fornece uma base sólida de pesquisa, visto que trabalha com a análise das relações sociais que se estabelecem no bairro, objeto de pesquisa de sua obra *A invenção do cotidiano 2. Morar e cozinhar*. O bairro é analisado por Certeau como um espaço onde se instituem práticas que fazem desse recorte geográfico um lugar possível de se morar, em que os códigos de sociabilidade são tecidos a partir das vivências dos seus moradores. São as experiências, muitas vezes conflituosas que vão fazer do bairro o “cenário da vida cotidiana”.

“A arte de fazer, a arte de viver”: seu Gaúcho, um comunicador popular.

Em meados dos anos de 1950/1951⁴, nasceu no bairro do José Pinheiro a primeira difusora do bairro, seu idealizador chamava-se Jovelino Farias, popularmente conhecido como seu Gaúcho. A partir desse serviço o bairro passou a ter um espaço de maior interação entre os seus moradores, bem como de diversão e entretenimento. O bairro José Pinheiro não seria mais o mesmo, sua dinâmica social e cultural foram alteradas e os seus códigos de sociabilidade redefinidos.

¹ Trabalho apresentado no Simpósio Temático “História Local Para Além das Fronteiras: Fontes de Pesquisa e Metodologia Aplicada”, durante o XII Encontro Estadual de História da ANPUH-PB, realizado no Campus da Universidade Federal de Campina Grande, em Cajazeiras (PB), entre 23 e 28 de julho de 2006.

² Pós-graduanda em Historiografia e Ensino de História pela Universidade Federal de Campina Grande.

³ Morador do bairro desde 57, em entrevista concedida a autora em 11/02/2006

⁴ Seu Pedro não soube informar o ano exato da instalação da difusora do seu pai no bairro José Pinheiro.

Quem nos auxiliou nessa investida foi seu Pedro, filho do nosso personagem principal. Pedro Farias, mais conhecido como Pepeu, 65 anos, ainda hoje morador do seu bairro de origem, o José Pinheiro. Foi através da sua memória que tivemos acesso a trajetória daquele serviço de som idealizado por seu Jovelino Farias, vulgo Gaúcho. Mas, quem foi esse homem que ousou inovar e por em prática uma idéia bastante original para época na cidade de Campina Grande?

Segundo seu Pedro⁵, seu pai chegou à campina Grande por volta do ano de 1935; ele veio a chamado de umas pessoas que estavam abrindo uma casa de jogos na cidade. Na época seu Gaúcho era embarcador e prestava serviço a uma empresa de navios costeiros. Dono de uma voz grave acabou atraindo a atenção dessas pessoas que o viram numa apresentação num desses navios costeiros que estava atracado no Recife, o acharam perfeito para inaugurar a tal casa de jogos, na época chamada de “Rambol”. Em Campina Grande conheceu aquela que seria a sua esposa, e em menos de um ano já estava casado e morando definitivamente na cidade. Residente em Campina Grande, seu Gaúcho que nasceu na cidade de Pelotas no estado do Rio grande do Sul, escolheu sua nova cidade para montar o que seria a primeira difusora de Campina Grande;

...em 1938 ele botou a primeira difusora aqui em Campina Grande, ali mais ou menos nas proximidades do antigo edifício Esial que hoje é a Casa do Colegial. Agora houve uma época que ele se desligou desse serviço de som porque ele ajudou uma pessoa que chegou aqui, aí, quando foi com um tempo essa pessoa colocou um serviço de som aqui também, ele não gostou! Por conta disso ele tirou o serviço de som e partiu para outra atividade, montou uma casa de dança, ali na Cardoso Vieira.

Seu Pedro não recorda o nome da escola, mas segundo ele, a casa contava com uma orquestra que tocava para as pessoas dançarem; as que não sabiam tinham o auxiliou dos mais experientes, inclusive do próprio Gaúcho. Seu Pedro relata com orgulho, que o seu pai um homem viajado, foi o precursor do tango e do bolero na cidade e devido a essa desenvoltura para tais danças muita gente o tivera como professor. Mas a casa de dança não teria longevidade, esta passou a ser alvo de perseguição devido ao apelo dos discursos da moral e dos bons costumes da época; “acharam que era como se fosse uma espécie de cabaré, e como era no centro da cidade inclusive até o padre da época...eu sei que ele falou muito sobre isso, aí papai teve que acabar com essa escola de dança”.

Com o fechamento da escola de dança, seu Gaúcho passou a trabalhar como anunciante de porta de loja. Nas lojas Paulistas e nas Pernambucanas foi aonde seu Gaúcho prestou os seus serviços de locução. Homem desenvolto seu Jovelino “Gaúcho” Farias chegou a desenvolver várias funções na cidade de Campina Grande, seu porte físico e sua voz grave, bem como sua criatividade o tornaram uma espécie de “show-man”, como relata Antônio

⁵ Todas as falas de seu Pedro Farias foram colhidas pela a autora em entrevista realizada em 05/02/2006

Clarindo ao se referir as funções exercidas por seu Gaúcho “além de locutor foi ‘chamador das pedras de loto’, cabaretier, cantor, baterista e dançarino de tango” (SOUZA, 2002, 292)⁶

“A voz do Bairro José Pinheiro”

Nesse período passou a residir no José Pinheiro, antes morava num bairro vizinho, o Santo Antônio, mais precisamente na Rua Vigário Virgínio. No bairro José Pinheiro, seu Gaúcho colocou em prática novamente a sua idéia do serviço de som, agora no seu “território”, seu bairro, seu lugar de vivência. O serviço de som instalado naquele bairro tinha como intuito prestar serviço à comunidade local. Entre os anos de 1950 e 1951 seu Gaúcho colocou um projetor de som na rua principal do bairro, a campos Sales nascendo assim “A Voz do Bairro José Pinheiro”.

Segundo seu Pedro, o serviço de som de seu pai tornou-se uma espécie de marco para aquele bairro, este passou a ser um dos únicos detentores de um dos símbolos do “progresso”. “A Voz do Bairro José Pinheiro” inaugurou uma nova referência para o local e possibilitou a transformação da paisagem ao redor das instalações do novo empreendimento, como nos relata seu Pedro;

...o serviço de som de papai era bem no centro de José pinheiro, não tinha aquele abrigo e tinha por aqui muitos currais de gado então as casas eram muito pequenas como aquelas casas de pau-a-pique daí quando ele inaugurou esse serviço de som aqui foi modificando-se porque o bairro foi crescendo, evoluindo e ai tornou-se um bairro bem melhor pra época, tornou-se bem melhor por conta disso.

O serviço de som de seu Gaúcho ganhou a aceitação da comunidade local e passou a ser referência na cidade. No bairro o serviço ganhou destaque e era bem vindo de todos os grupos sociais. Além da sua originalidade para a época, este serviço também tinha um caráter popular e democrático⁷. Todos tinham acesso às programações que em sua grande parte era de entretenimento, para a população local a única forma de entretenimento. Existiam na época os cinemas, mas estes eram espaços mais restritos por serem pagos acabavam excluindo alguns grupos sociais, a exemplo desses espaços tínhamos os cines: Capitólio, Babilônia, São José e Avenida e no próprio bairro existia um cinema chamado cine Lamar⁸. A esse serviço de som cabia a função exclusiva do divertimento, principalmente das classes menos favorecidas.

⁶ SOUZA, Antônio Clarindo Barbosa. In. **Lazeres Permitidos, Prazeres Proibidos**. Sociedade, Cultura e Lazer em Campina Grande (1945 – 1965). 2002. 292f. Tese (Doutorado em História Social) Universidade Federal de Pernambuco.

⁷ Este podia ser ouvidos por todos, sem que as pessoas precisassem adquirir nenhum tipo de aparelho, já que havia alto-falantes nos quatro cantos do bairro.

⁸ Sobre isso ver Lazeres Permitidos, Prazeres Proibidos. Sociedade, Cultura e Lazer em Campina Grande (1945 – 1965) do Professor Antônio Clarindo Barbosa de Souza.

O serviço de som de seu Gaúcho desenvolvia serviços de utilidade pública como: anúncio de perdas de animais, de documentos, animais, crianças. Mas o que dava maior visibilidade “A Voz do Bairro José Pinheiro” eram os programas de calouros e as festas de rua promovidas por seu Gaúcho. A difusora possui uma espécie de estúdio e auditório e contava com seus próprios músicos, estes moradores do próprio bairro, a exemplo de Jair seixas que tocava o piano, Sevi, o violão; Sambinha, o cavaquinho. Os programas de calouros contavam com o patrocínio de algumas casas comerciais como: o café Aurora, São Braz, Lojas Paulistas, Pernambucanas, Armazém Ouro Branco. As pessoas se divertiam com esses programas que muitas vezes eram promovidos ao ar livre adquirindo o aspecto de espetáculo e chamando a atenção mais ainda das pessoas que se aglomeram nas imediações da difusora para assistirem não só os concorrentes, mas também os shows de cantores conhecidos que já faziam sucesso na época, muitos ainda, no início da carreira artística. Nomes como Genival Lacerda, Nelson Gonçalves, Luiz Gonzaga, chegaram a participar daqueles programas quando patrocinados pelas casas comerciais. Para seu Pedro essa era a única diversão dos populares na época já que ainda não havia rádio em Campina Grande.

Eram constantes as festas de rua promovidas pelo serviço de som de seu Gaúcho, atraía muita gente, inclusive pessoas de outros bairros, independente de sexo, idade, classe social todos participavam e se divertiam. Segundo seu Pedro, mesmo os que tinham um padrão de vida melhor não deixavam de prestigiar tais festas. As chamadas “retretas”, nome dado àquelas festas ao ar livre em que moças e rapazes aproveitavam os momentos de descontração para “flertar”, eram embalados pelo serviço de som de seu Gaúcho, era constante sair, desses passeios, namoros e até casamentos, movidos por esse entusiasmo vários rapazes saíam dos seus bairros de origem para freqüentar o José Pinheiro. Nomes, hoje conhecidos dos campinenses, participaram dessas festas, como Enivaldo Ribeiro, Nilton Rique, Everaldo Agra, Naldo Dantas, entre outros, estes, segundo seu Pedro, viam para as festas, atraídos pelos possíveis “flertes”; “...as moças do José Pinheiro eram moças muito bonitas e eles vinham para namorar, aquilo ali já era uma maneira, um atrativo a mais para as pessoas freqüentarem o bairro”.

Nas festas e passeios da época era comum o oferecimento de músicas, os chamados postais sonoros, uma forma de conquista bastante utilizada pelas moças e rapazes que freqüentavam aqueles espaços. Algumas vezes, os postais sonoros transformam-se numa forma de vingança e acabava provocando situações hilariantes para as pessoas presentes, como lembra seu Pedro;

Às vezes um casal brigava e tinha uma música que se chamava Égua Branca ai então eles passavam, o rapaz passava pra moça e a moça passava para o rapaz uma música chamada Sapó Cururu e agente achava aquilo ali engraçado...

A família de seu Gaúcho também colaborava para o funcionamento da difusora. Seu Pedro e sua irmã estavam sempre ajudando o pai, fosse, na seleção das músicas ou até mesmo na locução, a dinâmica do serviço exigia a colaboração de um grupo, sendo assim a participação da família foi fundamental; seu Pedro lembra a dificuldade que era administrar a parafernália para a difusora funcionar;

veja bem nós tínhamos uma discoteca com mais de três mil discos e era em cera naquela época, então tinha que procurar aquelas músicas quando as pessoas pediam... ai eu sei que agente tinha que procurar aquilo. A minha irmã também ficava ali, ela não falava, mas quando eu tava na locução ela procurava as músicas, os discos.

O serviço estava sempre em funcionamento e tinha uma escala de horários que se seguiu sem alteração durante anos. Todos os dias a programação estava no ar nos seus respectivos horários. Seu Pedro não se recorda de nem um dia que a difusora não foi ao ar. Lembra ele que, nos casos de falecimento de um dos moradores, apenas o projetor que se encontrava perto do local do óbito era desligado, os outros continuavam funcionando normalmente. Na época do golpe militar o serviço de som continuou com suas atividades, mesmo que fossem exigidas as informações das músicas que viriam a serem executadas. O ritmo das programações só foi quebrado e sofreu sua primeira alteração com o aparecimento de um outro meio de entretenimento, a televisão. Com o surgimento dos primeiros aparelhos televisores no bairro, houve uma redefinição dos códigos de sociabilidade dos seus moradores o que influenciou diretamente nas atividades exercidas há muito tempo por seu Gaúcho. Este precisou fazer algumas adaptações na questão dos horários. Antes a programação era colocada no ar nos seguintes horários: manhã das 10:00 hs as 11:00 hs; à noite a programação tinha início a partir das 19:00 hs e ficava funcionando até as 21:00 hs. Com o novo atrativo – a televisão – o horário da noite foi deslocado para a tarde com início as 16:00 horas e término as 18:00 hs; “ nós mudamos o horário da noite para a tarde porque tinha muita gente que já possuía televisão, queria ver novela, ai então esse tipo de atrativo foi tornando-se obsoleto...”

Segundo seu Pedro o seu pai foi perdendo espaço porque o mesmo não quis se “modernizar”, o equipamento utilizado por ele já estava ultrapassado. O projetor de som usado até então, captava outros ruídos que acabavam sendo projetados para vários lugares do bairro; a exemplo o toque de um toque de telefone, isso começou a incomodar alguns populares locais. Trocar os equipamentos foi a sugestão dada por se Pedro ao seu pai, mas ele não colocou em prática até mesmo por causa de falta recursos lembra ele;

... papai não procurou se modernizar porque na época ele usava projetor de som, então as pessoas às vezes recebiam um telefonema e aquilo fazia um barulho terrível...se ele pudesse e tivesse feito com eu sugeri...eu vi lá em Duque de Caxias, uma cidade do interior do Rio de Janeiro, esse serviço de som, mas com alto-falante pequeno de marquise...

Montar uma difusora numa cidade do interior em plena década de 20 do século passado era uma tarefa um pouco difícil devido a dificuldade de conseguir a aparelhagem necessária. Para seu Gaúcho colocar em prática a sua idéia ele precisou adquirir os equipamentos, não muito fácil na época. O primeiro equipamento que ele utilizou no serviço montado na Marquês do Herval no centro da cidade, foi conseguiu no Recife. Depois do seu afastamento dessa atividade, ele se desfez do equipamento e para retornar a esse tipo de atividade, seu Gaúcho teve que usar da sua astúcia e criatividade. Sem condição financeira para adquirir uma nova aparelhagem, ele pegava emprestado o amplificador das Lojas Paulistas, onde trabalhava, e fazia sua programação lá no bairro, no outro dia levava de volta o amplificador para a loja. Esse percurso durou algum tempo, até que a situação financeira de seu Gaúcho melhorou e ele adquiriu o amplificador que pertenceu a Igreja Matriz de Campina Grande. A difusora de seu Gaúcho funcionou até a década de 80 quando foi desativada definitivamente, mas esta ainda está muito presente na memória dos moradores que durante anos se divertiram, se informaram com esse serviço de som tão marcante para a cultura do bairro. A difusora de seu Gaúcho é sem dúvida uma referência das histórias daquele bairro visto que marcou as vivências cotidianas de muitos dos moradores locais.

Referências

- CERTEAU, Michel. In: **A invenção do cotidiano: 2. morar, cozinhar**; Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.
- GURJÃO, Eliete Queiroz (org.). *Trabalhando, Festejando e Criando a Identidade do Bairro*. In: **O Bairro de José Pinheiro: Ontem e Hoje**; Secretaria da Educação e Cultura, João Pessoa, 1999.
- SOUZA, Antonio Clarindo B. de Souza – “Arrochar a titela, chambregar e criar um furdunço” in: **A Paraíba no Império e na República: Ensaio de História Social e Cultural**; João Pessoa; Idéia, 2003.
- SOUZA, Antônio Clarindo Barbosa. In. **Lazeres Permitidos, Prazeres Proibidos**. Sociedade, Cultura e Lazer em Campina Grande (1945 – 1965). 2002. 292f. Tese (Doutorado em História Social) Universidade Federal de Pernambuco.